

Interferência da oralidade na escrita: o caso do registro ortográfico de *e, i, o, u* átonos

Fernando Antônio Pereira Lemos*

1 Objeto de estudo

Quando nos propomos a pesquisar a aquisição da escrita, temos que estabelecer qual é o papel desempenhado pelo sistema ortográfico da escrita. A sua função principal é anular as diferenças dialetais (e idioletais) presentes na fala de uma determinada comunidade lingüística. Assim, o material escrito produzido por essa sociedade poderá ser compartilhado por todos os seus membros.

Tomemos como exemplo a palavra **pote**. Escrita com as letras **p, o, t, e**. Em um determinado dialeto ela poderá ser pronunciada como **po[te]**, em outros dialetos, ela poderá ser pronunciada como **po[ti]**, **po[tsi]** ou então como **po[ts]**. Outro exemplo é o da palavra **menino**, escrita com a letra **e** antes da sílaba tônica formada por **-ni-**. Essa palavra pode ser pronunciada como **m[i]nino**, como **m[e]nino** ou como **m[e]ninu**. Assim, nota-se uma distinção entre a forma escrita dessas palavras e a forma como elas podem ser pronunciadas. Isso ocorre porque o sistema ortográfico é arbitrário.

A presente pesquisa busca identificar os reflexos da interferência da oralidade na escrita, focalizando o fenômeno do alçamento das vogais médias em sílabas átonas. O fenômeno em questão, estudado por Bisol (1981) e por Viegas (1987), é caracterizado na oralidade pela elevação do ponto de articulação das vogais médias-altas **[e]** e **[o]** para a posição alta, realizando-se como **[i]** e como **[u]**, respectivamente. Assim, na fala, as palavras **v[e]stido**, **t[e]soura**, **b[o]tina**, **t[o]mate**, **termôm[e]tro**, **búss[o]la**, **chav[e]** podem se realizar como **v[i]stid[u]**, **t[i]soura**, **b[u]tina**, **t[u]mat[i]**,

* UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

termôm[i]tr[u], búss[u]la, chav[i]. O nosso interesse, portanto, é investigar como tal variação na fala pode interferir no aprendizado da ortografia por alunos das primeiras quatro séries da fase de alfabetização.

2 Relevância da pesquisa

Lemle (1995), Cagliari (1995, 1999) Mansini-Cagliari e Cagliari (1999), Oliveira e Nascimento (1990), Alvarenga et al. (1989) são exemplos de trabalhos que buscaram discutir a questão da interferência da oralidade na escrita. Em Lemle (1995) especificamente, quando a autora sugere etapas a serem vencidas no processo de alfabetização, fica patente que a aquisição do sistema ortográfico é um contínuo formular e reformular de hipóteses, aonde o aluno, com base nos seus conhecimentos a respeito da sua língua, vai, paulatinamente, se apropriando da forma ortográfica das palavras.

Nesses trabalhos, as dificuldades relacionadas à transposição da oralidade para a escrita elencadas pelos autores podem ser reunidas em dois grupos:

a) casos que são resolvidos a partir de regras inferíveis pelo aprendiz. Por exemplo, quando se escreve “-esa” com a letra s e quando se escrever com z? Aqui, o aprendiz poderá verificar que são escritas com s as palavras relacionadas ao feminino de determinados substantivos, como ocorre em duque – duquesa; barão – baronesa; príncipe – princesa. Já as escritas com z estarão relacionadas àquelas derivadas de palavras que exprimam qualidade, como belo – beleza; mole – moleza; rico – riqueza. Todas correspondendo ao nome da qualidade.

b) casos idiossincráticos, ou seja, onde a apreensão da forma ortográfica correta é aprendida caso a caso. Por exemplo, a grafia de palavras com a letra x ou com ch. Em lixo, bicho, bruxa, bucha e lanche não há a possibilidade da inferência de uma regra que possa auxiliar o aprendiz a solucionar o seu dilema ortográfico. Assim, só o contato palavra a palavra poderá levá-lo à apreensão da grafia correta. Outro exemplo é o das palavras cinema e sinal. O som inicial, [s], é o mesmo, mas a sua grafia é diferente.

O que se apresenta como novidade em nossa pesquisa é que pretendemos verificar a importância do fator estrutural no estabelecimento ou não de regras que sejam capazes de otimizar o aprendizado da escrita. Por fator estrutural estamos entendendo as posições da sílaba com possibilidade de alçamento [e]~[i] e [o]~[u], na oralidade, em relação à sílaba tônica. Ou seja, se anterior à sílaba tônica, pretônica: menino, moleque, fogão. Em posi-

ção seguinte à sílaba tônica em palavras proparoxítonas, postônica não-final: tráfego, árvore, bússola. Se em final de palavra, após a sílaba tônica, postônica final: poste, semáforo. Queremos verificar, ainda, se o mesmo erro, o som [u] que não é grafado com a letra o e o som [i] que não é grafado com a letra e, deve ser tratado sempre da mesma maneira.

Finalmente, a nossa pesquisa ajudará na compreensão do processo de aquisição da escrita, com foco no registro ortográfico das vogais médias-altas [e] e [o] que, em alguns dialetos, podem ser alçados para as vogais altas [i] e [u], em sílabas átonas. Por exemplo, em palavras como perigo, começo, quadrúpede, pérola, peixe e pato.

3 A questão do alçamento

Em nossa pesquisa, as vogais médias [e] e [o], em posição tônica, como em poça e pego, foram excluídas da análise. Isto porque, apesar de Alves (1999) comprovar a ocorrência de variação lingüística nessas vogais em sílaba tônica, essas ocorrências não afetam o processo de aquisição da ortografia, pois não há a troca de letras na escrita. Este estudo se fixou, portanto, nas posições pretônica, como em tesoura, menino, comida e mosquito; postônica medial, como em pêssego e vibora; e postônica final, como em quinze, poste e pato.

O alçamento ou a elevação das vogais médias no Português do Brasil tem sido tratado por alguns autores. A discussão dessa questão na oralidade tem se verificado principalmente na sua realização em sílabas pretônicas, ou seja, aquelas que antecedem a tônica, como em Bisol (1981), Viegas (1987), Bortoni et al. (1992), Oliveira (1992), Callou e Leite (1996).

3.1 Pretônicas

Três propostas teóricas abordam a questão da variação das vogais médias em posição pretônica na oralidade em palavras como m[e, i]nino, p[e, i]rigo, m[o, u]squito, c[o, u]meço, s[e, i]nhor. Essas linhas teóricas podem ser denominadas como a da *variação livre*, a da *variação contextualizada* e a da *difusão lexical*.

Segundo a proposta da *variação livre*, a alternância, como em p[e]rigo e p[i]rigo, não é regulada por nenhum fator. Ocorrendo, portanto, independentemente de fatores estruturais ou não-estruturais.

A proposta de *variação contextualizada* estabelece que, em **p[le]rigo** e **p[i]rigo**, fatores estruturais, como o som **[p]** que precede o **[e]** e o som **[r]** seguinte, interferem na sua realização possibilitando ou não o alçamento. Estabelece, ainda, que fatores não-estruturais, como classe social, sexo e idade, interferem na variação lingüística. Essa proposta é fundamentada na Sociolingüística laboviana em trabalhos como o de Bisol (1981) e Viegas (1987).

Não descartando o fator estrutural, a proposta da *difusão lexical* postula que a mudança se dá em uma determinada palavra e, sendo aceita pela comunidade de falantes em que está inserida, se espalhará para o restante de palavras que apresentarem o mesmo ambiente. Seria o caso da palavra **p[i]rigo** que, não sendo rejeitada por outros falantes, propiciaria a expansão da mudança para, por exemplo, a palavra **p[e]ru** que seria pronunciada como **p[i]ru**. Tal perspectiva é postulada por Oliveira (1992).

3.2 Postônicas mediais

Segundo Câmara Júnior (1989, p.44), na sílaba seguinte à sílaba tônica em palavras proparoxítonas como *agrícola*, *pérola*, *bús-sola*, "a grafia com o **o** ou com o **u** é uma mera convenção da escrita, pois o que se tem na verdade é o /u/. Portanto, segundo o autor, essas palavras serão pronunciadas como *agríc[u]la*, *pér[u]la* e *búss[u]la*, ou seja, com o alçamento das vogais médias para vogais altas.

3.3 Postônicas finais

Em palavras como *poste*, disse, *tudo*, *mosquito*, a vogal átona final é escrita com a letra **e** e com **o**, embora os seus sons sejam, na fala **[i]** e **[u]**, na maioria dos dialetos do português do Brasil, conforme também postula Câmara Júnior (1979, p. 45), ao afirmar que, "no Brasil, houve um cerramento variável do /e/, que no Rio de Janeiro, por exemplo, deu francamente /i/. Podemos considerar esta a articulação normal do português brasileiro, em simetria com o /u/, que [...] substituiu muito cedo /o/ átono final".

4 Metodologia

4.1 Informantes

A pesquisa foi realizada no município de Divinópolis-MG. Duas escolas foram escolhidas para a pesquisa: uma pública e uma particular. A escola pública é representativa do que se convencio-

nou chamar de classe trabalhadora, cuja clientela pertence a famílias com renda total de até três salários mínimos. A escola particular é representativa da classe média alta.

Foram selecionados quatro alunos de ambos sexos de cada série dos quatro primeiros anos do período de alfabetização. Ao todo, foram selecionados sessenta e quatro informantes, sendo trinta e dois de cada escola.

4.2 Testes escritos

Foram aplicados três testes de escrita e um teste de identificação de erros pelos alunos.

4.2.1 Produção de texto a partir do tema festa junina

Objetivou verificar se, na produção escrita da criança, apareceria o registro do alçamento das vogais médias nas posições pretônica, como *minino*, *tisoura*, *fugueira*; postônica medial, como *árvure* e *fósfuro*, e postônica final, como *posti*, *foguetti*, *meninu* e *fósforu*.

4.2.2 Ditado de gravuras

Esse teste foi composto por um formulário contendo nove desenhos. A criança deveria escrever o nome dos objetos ali relacionados.

4.2.3 Palavras cruzadas

O teste foi composto por um formulário contendo 24 desenhos. A criança deveria preencher as lacunas da palavra cruzada que completariam os nomes das figuras nela representados.

4.2.4 Jogo dos doze erros

Este teste é composto por um texto previamente elaborado onde aparecem doze palavras escritas com o alçamento, como *piru*, *bunito*, *quadrúpide*, *agrícula*, *elefanti*, *circu*. Seu objetivo foi verificar se a criança é capaz de identificar os erros ortográficos no texto.

4.3 Gravação da fala dos alunos

Foi feita a gravação da fala dos informantes. Registrou-se a fala formal a partir das figuras presentes nos testes escritos e também a fala informal com perguntas sobre as brincadeiras infantis, nomes de animais e insetos prejudiciais ao ser humano e sobre a organização de uma festa junina, dentre outras.

4.4 Dados coletados

Foram coletados cerca de 6.000 dados de fala e praticamente o mesmo número de dados nos testes escritos.

5 Conclusão

Concluimos, primeiramente, que realmente o alicamento das vogais médias [e] para [i] e [o] para [u] presentes na oralidade interfere na escrita, uma vez que apareceram palavras grafadas como **minino**, **tisoura**, **mosquito**, **termômetro**, **pérula**, **bússula**, **posti** e **mosquitu** nos testes escritos aplicados aos alunos. Concluímos também que no caso das sílabas pretônicas, como em **menino**, **tesoura**, **mosquito**, há maior variação, ocorrendo de indivíduo para indivíduo e não de forma homogênea. Isto aponta para um tratamento individualizado da questão do registro ortográfico das vogais médias [e] e [o] nessa posição.

No caso das sílabas postônicas não-finais, em palavras como **cócegas**, **abóbora** e **fósforo**, há grande número de casos idiossincráticos, pois encontramos na oralidade e na escritas realizações do tipo **cócegas**, **cócigas** e **cosgas**; **abóbora**, **abóbura** e **abóbra**; **fósforo**, **fósforo**, **fóscoro** e **fóscuro**. Também neste caso a questão da ortografia deve ser tratada caso a caso.

Nas postônicas finais, houve a regularidade da presença do [i] no final de todas as palavras grafadas com e e [u] no final de todas as palavras grafadas com o, como em **poste**, **disse**, **tudo**, **mosquito**. Conclui-se, portanto que há a possibilidade da inferência de uma regra pelo aprendiz, onde todo som [i] e todo som [o] finais átonos sejam grafados respectivamente com a letra e e com a letra o. No entanto, essa regra trará algum inconveniente em palavras do tipo **safári** que é grafada com i final.

Referências bibliográficas

- ALVARENGA, D.; OLIVEIRA, M. Antônio. et al. Da forma sonora da fala à forma gráfica da escrita: uma análise lingüística do processo de alfabetização. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 16, p. 5-30, jan./jun. 1989.
- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1981. Tese de Doutorado.
- BORTONI, Stela M. et al. *A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?* *Revista Estudos da Linguagem*, 1, p. 9-30, Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1992.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. 8. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

———; MANSINI-CAGLIARI, Gladis. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

———. *Alfabetizando sem o BA-BE-BI-BO-BU*. São Paulo: Scipione, 1999.

LEMLE, Míriam. *Guia teórico do alfabetizador*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Marco Antônio. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, 1, p. 31-41, Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1992.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

———. *Estrutura da língua portuguesa*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

OLIVEIRA, M. Antônio; NASCIMENTO, Milton do. Da análise de "erros" aos mecanismos envolvidos na aprendizagem da escrita. *Educ. Rev.*, 12, p. 33-43, Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1990.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Alicamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. Belo Horizonte: UFMG, 1987. Dissertação de Mestrado.

———. O alicamento das vogais médias pretônicas e os itens lexicais. *Revista de Estudos da Linguagem*, 3, p. 101-122, Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1995.